

RELATO DE PESQUISA

NHEENGATU DÂW: ESTUDO PRELIMINAR DOS ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS E MORFOSSINTÁTICOS DE UM CASO DE **CONTATO TUPI- GUARANI E NADAHUP** NO ALTO RIO NEGRO

Tom FINBOW  

Departamento de Linguística – Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO

Apresentamos os resultados iniciais de uma investigação preliminar de um cenário menos conhecido de contato linguístico do Alto Rio Negro: o Nheengatu (Ramo Tupi-Guarani, Família Tupi) falada como segunda língua pelos anciões da etnia Dâw (família Nadahup) da comunidade Waruá (T.I. Alto Rio Negro). A variedade está gravemente ameaçada, pois não está sendo transmitida; as gerações mais novas falam apenas Dâw e português. Nosso objetivo é de criar um acervo de material audiovisual para registrar o uso do Nheengatu entre os Dâw como documento histórico para a comunidade e para estudar as particularidades linguísticas dessa variedade no contexto de uma investigação maior da variação linguística no Nheengatu. Os dados analisados em nossa investigação foram extraídos de narrativas pessoais gravadas com seis informantes da comunidade Waruá em julho de 2017 e em julho de 2018. Os fenômenos detectados entre o Nheengatu Dâw até o momento abrangem à fonética e fonologia, p. ex., apócope vocálica, para alinhá-la à estrutura silábica CVC do Dâw, e à morfossintaxe, p. ex., nivelamento de paradigmas número-pessoais e introdução de marcação diferencial de



OPEN ACCESS

EDITORES

– Marcus Maia (UFRJ)
– Bruna Franchetto (UFRJ)

AVALIADORES

– Thiago Chacon (UnB)
– Bruna Franchetto (UFRJ)

DATAS

– Recebido: 30/05/2020
– Aceito: 07/10/2020
– Publicado: 29/12/2020

COMO CITAR

FINBOW, Tom (2020). Nheengatu Dâw: estudo preliminar dos aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos de um caso de contato tupi-guarani e nadahup no Alto Rio Negro. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 3, p. 01-21.

objeto. Em geral, parecem ser influências da língua Dâw sobre o Nheengatu do falante. Além disso, o estatuto de segunda língua entre os Dâw da língua Nheengatu pode ser instrutivo a respeito dos tipos de influência sobre uma língua franca, como a Língua Geral Amazônica, quando não é a primeira língua de uma comunidade.

ABSTRACT

This paper presents the initial results of a preliminary investigation of a lesser-known language contact situation in the Upper Rio Negro: the variety of Nheengatu (Tupi-Guarani branch, Tupi family) spoken as a second language by Dâw elders (Dâw, Nadahup [formerly Maku] family) who live in the village of Waruá (Upper Rio Negro Indigenous Area) opposite the town of São Gabriel da Cachoeira (Amazonas State, Brazil). This variety of Nheengatu is severely threatened, as it is no longer transmitted to the younger generations, who speak Dâw and Portuguese. The objective of this study is to create an audiovisual archive to register the use of Nheengatu amongst the Dâw elders as a historical document for the community and in order to investigate the linguistic details of this variety in the context of a broader study of linguistic variation within Nheengatu. The data analysed in this investigation have been taken from personal narratives recorded with six informants from Waruá village between July 2017 and July 2018. The phenomena found so far involve phonetics and phonology, e.g., vowel apocope that aligns Nheengatu syllables with the CVC patterns of Dâw, and some morpho-syntactic particularities, e.g., levelling in number and person paradigms and frequent use of differential object marking. In general, these features seem to be the influence of Dâw on the speakers' Nheengatu. Additionally, we hope that the fact that Nheengatu is a second language for the Dâw elders may provide insights into the types of influence that may have occurred in the region's historical lingua franca, the Língua Geral Amazônica.

PALAVRAS-CHAVE

Nheengatu; Dâw; Contato Linguístico; Alto Rio Negro.

KEYWORDS

Nheengatu; Dâw; Language Contact; Upper Rio Negro.

INTRODUÇÃO

Diferentemente da maioria das apresentações neste volume, as quais tratam da “retomada” ou “revitalização” de línguas indígenas brasileiras, neste trabalho, o enfoque é um processo de morte linguística quase segura. O tema é o uso da língua Nheengatu (tronco Tupi, família Tupi-Guarani) pelos anciões da etnia Dâw. Os Dâw com menos de 50 anos não conhecem mais do que algumas expressões feitas básicas em Nheengatu, p. ex., *purãga ara/karuka/pituna* “bom/boa dia/tarde/noite”, *purãga resika/pesika* “seja/m bem-vindo/s”, *kuekatu (reté)* “(muito) obrigado”, que ainda são de conhecimento razoavelmente difundido na região, embora a língua Nheengatu não seja mais amplamente conhecida. Eles são fluentes em Dâw e, em geral exibem um bom domínio do português na variedade local. De um modo geral, os Dâw mais jovens não exibem nenhum interesse por adquirir o Nheengatu. Consequentemente, parece inevitável que a variedade Dâw do Nheengatu vai desaparecer com o falecimento da geração mais velha. Um dos nossos objetivos primários, portanto, é de colecionar o maior número possível de registros audiovisuais dos anciões Dâw falando em Nheengatu, para deixar um acervo histórico na comunidade Dâw.

A clivagem abrupta entre as faixas etárias é significativa, porque é por meio dela que podemos identificar o fim da transição linguística na comunidade Dâw em que o Nheengatu deixou de ser o veículo das interações interétnicas no Alto Rio Negro e essa função social passou a ser desempenhada pelo português. Ou seja, os Dâw nascidos antes de 1970, constituem a última geração a adquirir fluência em Nheengatu como segunda língua. Foi justamente nessa década que os programas do governo central aumentaram massivamente a presença de brasileiros monolíngues em português na região, com a construção de várias bases militares e aeroportos, a construção da estrada São Gabriel-Cucuí (BR-307) a partir de 1973, e o programa da Calha Norte (1985-).

Devido à maneira de eles terem adquirido o Nheengatu, de forma informal e não estruturada, e, com uma notável exceção, sem ser a língua majoritária, é natural que certas influências da língua Dâw se fazem notar na fala dos anciões quando usam o Nheengatu. Outros aspectos interessantes relacionados com o contato linguístico e com a ecologia sociocultural incluem o fato de que o Nheengatu não é a língua materna dos Dâw, diferentemente dos Baré – para quem a língua Nheengatu é o marcador étnico por excelência – e de muitos Baniwa que sabem a língua. Ou seja, o contexto em que o Nheengatu era usado pelos Dâw se aproxima à situação em que a Língua Geral Amazônica era usada tradicionalmente entre os povos amazônicos, como uma Língua Franca quando os participantes não compartilhavam a língua materna. A seguir, apresentaremos algumas particularidades fonético-fonológicas e morfossintáticas dessa variedade moribunda do Nheengatu.

1. O CORPUS DE NHEENGATU DÂW

Até o momento, o corpus sendo analisado para esta apresentação é composto de 6 gravações (5h 10m 59s) de conversas multilaterais entre os informantes Dâw e entre Dâw e Baré e de monólogos autobiográficos que foram coletados entre julho de 2017 e fevereiro de 2018. Disso, seis monólogos já foram transcritos e traduzidos com a colaboração de uma informante Baré experiente que é falante nativa de Nheengatu. Restam ainda uma meia dúzia de anciões Dâw a serem entrevistadas.

2. METODOLOGIA

A análise parte de gravações em ELAN, analisando a fonética e fonologia, morfologia e sintaxe. A transcrição ortográfica foi realizada porque objetivamos produzir um livro de histórias de vida dos anciões Dâw em Nheengatu e português, seguindo o modelo de *Histórias de Vida do Povo Dâw. Comunidade Waruá* (STORTO; EPPS *et al.*, 2017) e *Dâw Tɨɨw. Caminhos Dâw* (MARQUES; OBERT *et al.*, 2018)

A produção dos informantes Dâw é comparada com a de falantes nativos Baré, atendo para aspectos que revelam influências da língua Dâw no Nheengatu, p. ex., sotaque, decalques estruturais, ou fenômenos de interlinguagem.

3. O POVO DÂW

Residentes principalmente da Comunidade Waruá (T. I. Alto Rio Negro), na margem direita do Rio Negro, em frente da cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM), os Dâw são um grupo indígena pequeno, contando 126 indivíduos (OBERT, 2017).

Segundo Martins (2005), os primeiros contatos entre os Dâw e grupos não indígenas teriam ocorrido pelo século XVIII. Desde então, o povo vinha perdendo membros devido às epidemias e violência, chegando a contar apenas 56 pessoas em 1984. Desde então, porém, a comunidade tem crescido regularmente. Apesar de ser vulnerável, pelo número reduzido de falantes, a língua Dâw exibe uma vitalidade boa. Todas as crianças nascidas na comunidade adquirem a língua Dâw como primeira língua e há uma escola indígena na Comunidade Waruá.

Segundo alguns anciões, os Dâw habitavam o igarapé Wiç que seria afluente do rio Weni e subfluente do rio Marié (cf. Mapa 1). Os relatos narram que devido a muitas rivalidades internas e também com outros grupos indígenas, principalmente com o povo Nadëb, os Dâw foram progressivamente se deslocando, até chegar na área localizada entre os rios Curicuriari e Negro (dado confirmado por OBERT em sua pesquisa de campo). É neste interflúvio, segundo Martins,

que se encontram seus cemitérios e comunidades antigas. Durante os anos em que vinham se deslocando rumo ao rio Negro, os Dâw começaram a trabalhar para grupos de outras etnias (principalmente Tukano), em roças ou outros serviços que se fizessem necessários, em troca de alguma parte da colheita ou de produtos industrializados, como rede e ferramentas (ASSIS, 2007, p. 135). As histórias desses tempos são marcadas por diversas guerras e por volta de 1940 já existem narrativas que fazem referência ao trabalho para comerciantes do alto rio Negro. É quando, aparentemente, os Dâw começam a trabalhar no extrativismo de piaçava. O sistema patrão-freguês continua até a década de 1980, quando então as relações do povo com a cidade passam a se intensificar e sua população a decrescer. Em 1983 é então criada a comunidade de Waruá, numa parceria com o missionário linguista Valteir Martins. (OBERT *et al.* 2019, p. 178-178)

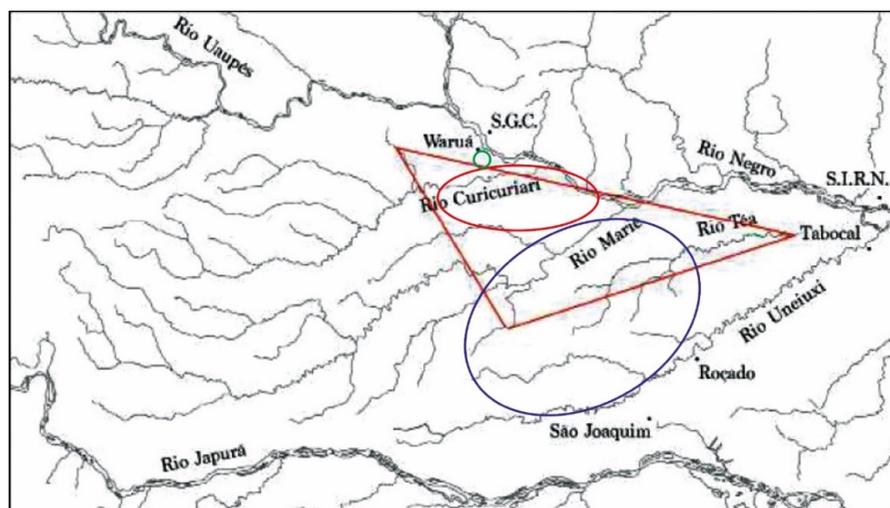


Figura 1. Mapa da região tradicionalmente habitada pelo povo Dâw, entre o médio e alto rio Negro.

Legenda: roxo = provável território pré-histórico, vermelho = território ancestral, verde = território atual. Adaptado de: Obert & Pissolati (2018, p. 7), cit., Obert *et al.* (2019, p. 179)

Os Dâw têm morado nas proximidades da cidade de São Gabriel da Cachoeira desde há um século. É provável, portanto, que o conhecimento de Nheengatu entre os Dâw cresceu a partir deste momento, em que essa língua ainda desempenhava a função tradicional de língua geral. Como mencionado por Obert *et al.* (2019), a entrada dos Dâw nos ciclos de extrativismo, especialmente a coleta de piaçaba e cipó, ocorreu aproximadamente pelos anos 1940. A exploração dos Dâw, em condições análogas a escravidão por patrões brancos e da étnia Baré continuou mediante o sistema de aviamento tradicional do Rio Negro até a década dos 1980. Nesse período ocorreram duas mudanças socioculturais e econômicas importantíssimas. A primeira foi a formação da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) em 1987, que fortaleceu as associações locais e conseguiu acabar com a dominância dos antigos aviadores. O segundo evento, sem dúvida ainda mais relevante, foi a fundação da comunidade Waruá, sob a liderança do missionário batista Valteir Martins, em 1984. Martins enfrentou os patrões que vinham explorando os Dâw desde há gerações, percorrendo a região para reunir as famílias dispersas, pagando suas dívidas e rejeitando a extorsão de débitos indevidos.

Nas interações com outras etnias e com a sociedade nacional, os Dâw têm ocupado sempre a base da pirâmide social (RAMOS; OBERT, 2017). O grupo vivia forte discriminação, sendo designados pelos termos fortemente despectivos *maku* (“sem fala”, em Baniwa, que se aplica a todos os povos caçadores-coletores da região, considerados “selvagens” pelos povos do rio agricultores) e *kamã* (palavra de origem desconhecida que expressa conotações de vagabundagem, alcoolismo e furto). Felizmente, a situação dos Dâw tem mudado de forma dramática desde a década dos 1980. Como observa Martins (2004, p. 2), “Atualmente, os Dâw possuem sua terra, cultivam suas próprias roças, estão organizados culturalmente como grupo, são responsáveis pela saúde e educação do seu povo. Muitos deles possuem documentos e os idosos estão aposentados. Isto os aproxima da situação socioeconômica dos demais grupos indígenas da região”. Martins (2014, p. 6) observa que

Nas últimas três décadas, vem sendo constatado um crescimento do conhecimento da língua portuguesa entre os Dâw, devido à intensificação do contato com os falantes desta língua estrangeira e e à diversificação de atividades cotidianas que possibilitam a prática do português como segunda língua.

Além desses fatos, boa parte dos jovens Dâw, ao concluírem o ensino fundamental em sua comunidade, vai cursar o ensino médio em São Gabriel da Cachoeira, onde o português é a língua utilizada. Também, três jovens Dâw se alistaram no Exército Brasileiro e passaram oito anos em serviço militar. Esse contato mais intenso proporcionou a eles falar um português com um sotaque semelhante ao regional.

Além de melhores condições materiais e na estruturação interna da comunidade, o status dos Dâw vem mostrando certa melhoria no contexto do movimento indígena em que as lideranças têm assumido certo destaque em prol dos interesses das etnias Nadahup frente às outras agrupações indígenas regionais.

4. A LÍNGUA DÂW

Integrante da família Nadahup, a língua Dâw ocupa uma posição transicional entre os ramos Hup e Yuhup, estreitamente aparentados, e o Nadëb, que apresenta várias divergências do resto da família (MARTINS, 2005; EPPS; BOLAÑOS, 2017). A família Nadahup/Nadëhup era conhecida como família “Maku” e também aparece na literatura como “família Puinave” (RIVET; TASTEVIN, 1920) e “Maku-Puinave” (LOUKOTKA, 1968). Epps & Bolaños (2017) demonstram a falta de parentesco entre as línguas Nadahup e as línguas Puinave, Nukak e Bara/Kakuá. Os paralelos entre as etnias são antes semelhanças socioculturais.

4.1. ESBOÇO FONÉTICO E FONOLÓGICO DO DÂW

Segundo Martins (2005, p. 13), a língua Dâw conta 15 vogais e 25 consoantes. A língua é tonal, com dois tons, ascendente e descendente, mas não todos os itens lexicais levem tom. Os padrões silábicos são CVC, que predomina, CV e VC. As sílabas CVC, com e sem tom, e as sílabas CV [+tom descendente] são as bases para morfemas lexicais e gramaticais, enquanto o padrão silábico VC (com o sem tom) é reservado para sufixos.

			Labial	Coronal		Dorsal	Laringal
				+ant ⁹	-ant		
Não so- nantes	Oclusivas	Surdas	p	t	c	k	ʔ
		Sonoras	b	d	ɟ	g	
	Fricativas	Surdas			ɣ	x	h
Sonorantes	Nasais	Plenas	m	n	ɳ	ŋ	
		Glotalizadas	mʔ	nʔ	ɳʔ		
	Laterais	Plena		l			
		Glotalizada		lʔ			
	Aproximantes	Plenas	w		j		
		Glotalizadas	wʔ		jʔ		

Tabela 1. Contrastes fonêmicos consonantais segundo Martins (2005, p. 16).

Martins (2005, p. 23) afirma que “O sistema fonético consonantal de Dâw compreende 58 variantes alofônicas. Na classe das não soantes, ocorrem 18 oclusivas e 3 fricativas e, entre as soantes, há 18 nasais, 6 laterais e 13 aproximantes”. Abaixo, apresentamos uma tabela em que se pode observar a distribuição dos alofones consonantais da língua.

	Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais	Altura
	i	ɨ)	ɛ	ɛ)	u	u)	Altas
	e		ɸ		o		Médias
	E	E)	a	a)	ɔ	ɔ)	Baixas
Labiais	-	-	-	-	+	+	
Coronais	+	+	-	-	-	-	
Dorsais	-	-	+	+	+	+	

Tabela 2. Oposições fonêmicas vocálicas em Dâw, segundo Martins (2005, p. 55).

Alofonias consonais			Labial		Coronal				Dorsal		Laringal	
					+anterior		-anterior					
			Onset	Coda	Onset	Coda	Onset	Coda	Onset	Coda	Onset	Coda
Não sonorantes	Oclusivas	Surdas	p	p	t	t	cə	c	kə	k		
		Sonoras	b	b	d	d	l	l	g	g	?	?
	Fricativas	Surdas					Σ		x		h	
Sonorantes	Nasais	Plenas	m		n		ɳ			N		
		Pré-oralizadas		^b m		^d n		^l ɳ		^g N		
		Glotalizadas	^ʔ m0	m0 ^ʔ	^ʔ n0	n0 ^ʔ	^ʔ ɳ0	ɳ0 ^ʔ				
		Gl. Pré-oralizada		^b m000 ^ʔ		^d n0 ^ʔ		^l ɳ0 ^ʔ		^g N0 ^ʔ		
	Laterais	Oral			λ							
		Nasalizada			λ							
		Glotalizadas			^ʔ λ0	λ0 ^ʔ						
		Gl. nasalizadas			^ʔ λ0	λ0 ^ʔ						
	Aproximantes	Orais	w						i			
		Nasalizadas	w)						ɨ			
		Glotalizadas	^ʔ w0	w0 ^ʔ					^ʔ ɨ	ɨ0 ^ʔ		0
		Gl. nasalizadas	^ʔ w)0	w)0 ^ʔ					ɨ ^ʔ	ɨ0 ^ʔ		

Tabela 3. Alofonias consonantais da língua Dâw.

As alofonias vocálicas da língua Dâw são as seguintes (MARTINS, 2005, p. 55-56):

(4.1.i) Alofones longos: [i: ĩ: e: ε: ẽ: w: ũ: ɣ: a: ã: u: ù: o: ɔ: õ:]

(4.1.ii) Alofones laringalizados: [ḭ ḭ̃ ḛ ε̰ ḛ̃ w̰ ṵ̃ ɣ̰ a̰ ã̰ ṵ ṵ̀ o̰ ɔ̰ õ̰]

(4.1.iii) Alofones longas laringalizadas: [ḭ: ḭ̃: ḛ: ε̰: ḛ̃: w̰: ṵ̃: ɣ̰: a̰: ã̰: ṵ: ṵ̀: o̰: ɔ̰: õ̰:]

Em Dâw, a duração vocálica não é fonêmica, sendo antes a manifestação do tom, pois os morfemas atonais sempre exibem vogais breves, a não ser que chegarem a interagir com um supramorfe tonal, quando passarão a ter uma vogal longa. Assim, a duração é totalmente previsível (MARTINS, 2005, p. 56). A laringalização vocálica também é alofônica, sendo acionada pela presença da oclusiva glotal ou um segmento soante glotalizado (MARTINS, 2005).

4.2. ESBOÇO MORFOSSINTÁTICO DA LÍNGUA DÂW

A principal característica do Dâw é que quase a totalidade dos morfemas são monossilábicos, com padrão silábico CVC ou sufixos com estrutura -VC. A língua não tem prefixos. “As palavras com mais de uma sílaba são suspeitas de serem originadas de composições de palavras, opacas na sincronia da língua ou, então, são empréstimos integrados, excepcionalmente, com mais de uma sílaba” (MARTINS, 2004, p. 124).

As classes lexicais são nomes, advérbios, e verbos, os quais podem ser subdivididos entre verbos ativos e estativos ou inativos. Categorias gramaticais, como, p. ex., tempo, aspecto e pluralidade, são expressas com palavras gramaticais, em lugar de afixos. Martins observa que “Há um bom número de palavras gramaticais organizadas em classes fechadas, tais como pronomes (pessoais, indefinidos, possessivos, demonstrativos, demonstrativos relativos, reflexivo e recíproco), posposições, conjuntivos, localizadores, numerais, aspectos, morfemas de tempo, conjunções e modais” (2004, p. 126). Um conjunto de morfemas que funcionam como marcadores de caso afetado e genitivo, negação, modo imperativo, e imperativo negativo oscilam entre o estatuto de palavras livres e sufixos, a depender do comportamento fonológico (2004, p. 125).

As funções modais são indicadas por partículas, que não se ligam às classes de palavras, mas a toda proposição, para expressar a atitude do falante. Outra diferença entre os modais e as formas livres consiste em os primeiros não constituem palavras sem outro elemento acompanhante.

Os ‘supramorfes’ se manifestam como tons. Tais formas são muito produtivas na morfologia e sintaxe da língua Dâw, operando nos processos de derivação de deverbais e como ‘aumentador’ que é integrado aos nomes, verbos e conjuntivos. Na sintaxe, os supramorfes servem para alternar as valências verbais e para modificar as relações entre verbo e sujeito (2004, p. 126).

Martins (2004, p. 126-127) nota que “Uma particularidade do sistema morfológico de Dâw é o fato de um morfema poder pertencer a mais de uma classe morfológica e isto depende da sua função na frase e do significado que ele adquire no contexto”. A produtividade dessa flexibilidade morfossintática se evidencia nos compostos por justaposição e nos verbos seriais, p. ex.,

(4.2.i) jah “buscar” + jɾ [jɾ:] “voltar” = jah jɾ “trazer”

(4.2.ii) hãm “ir” + xóʔ “circular” = hãm xóʔ “passear”

(4.2.iii) dɣw “humano” + cùm “pé” = dɣm-cùm “pé humano”

(4.2.iv) dɣm-cùm “pé humano” + jɣk = “calcanhar”

Como se verá à continuação, a estrutura gramatical da língua Dâw difere bastante da estrutura morfossintática do Nheengtu. É interessante observar, no entanto, de um modo geral, o domínio da Nheengatu entre os anciões Dâw é alto. Todos exibem excelente fluência e as divergências dos padrões do Nheengatu da região que abrange as cidades de São Gabriel da Cachoeira e Santa Izabel do Rio Negro, onde os Dâw tem habitado tradicionalmente são pequenas.

5. A LÍNGUA NHEENGATU

Também conhecida como “Língua geral”, o Nheengatu é uma língua Tupi-Guarani que veio para o Rio Negro com as bandeiras, missões e exploração comercial desde o séc. XVII. Era falada por toda a Amazônia até a segunda metade do século XIX. Até aproximadamente 1870, era a língua mais falada da região, quando mudanças demográficas reduziram o uso a favor do português.

Atualmente, a língua ainda é falada por aproximadamente 18.300 pessoas (FOIRN, 2005, cit. *Ethnologue*), majoritariamente ao longo do Rio Negro e seus afluentes (no baixo rio Içana e rio Xié), no Brasil (AM), e na Venezuela e na Colômbia. As principais etnias que falam a língua são os povos Baré, Warekena e Baniwa (todos ancestralmente ou ainda hoje falantes de línguas da família Arawak, ramo setentrional) e o Nadëb e o Dâw (família Nadahup [antiga Maku]).

Os Baré – o grupo indígena mais aculturado do Rio Negro – não falam mais a língua ancestral (AIKHENVALD, 1995). Parece que a substituição pelo Nheengatu terminou ao longo da década dos 1930. O Warekena também é falado apenas por idosos. No contexto multilíngue do alto Rio Negro, em que língua determina diversos aspectos identitários, o Nheengatu passou a ser associado como o marcador da etnia Baré (BARROS *et al.*, 1996).

5.1. ESBOÇO FONOLÓGICO DO NHEENGATU

Segundo Cruz (2011, p. 34), o sistema consonantal do Nheengatu rionegrino exibe 11 contrastes fonêmicos, distinguidos por 7 traços ([±soante], [±voz], [±contínuo], [±anterior], [labial], [coronal], [dorsal]). O traço [±anterior] é distintivo apenas para os segmentos coronais.

		Labial	Coronal		Dorsal	
			[+anterior]	[-anterior]		
[-soante]	[-voz]	p	t		k	[-contínuo]
[-soante]	[+voz]	b	d		g	[-contínuo]
[-soante]	[-voz]		s	ʃ		[+contínuo]
[+soante]	([+voz])	m	n	ɲ		[+contínuo]
[+soante]	([+voz])		ɾ			[-contínuo]

Tabela 4. Fonemas consonantais do Nheengatu (CRUZ, 2011, p. 34).

Concordamos com a análise de Cruz (2011) e Borges (1991) em considerar que inexistam fonemas com pré-nasalização, ou seja [ᵐb], [ᵐd], [ᵐg], [ᵐgʷ], no Nheengatu do Rio Negro que foram identificados nas análises de Moore *et al.* (1993) e Taylor (1985, 2007).

As análises fonêmicas de Taylor e Moore *et al.* (1993) incluem /k^w/, que também não foi aceito por Cruz (2011), embora ela apresente [k^w] em várias análises *fonéticas*. Taylor trata os glides palatal e labiovelar como fonemas, que Cruz (2011) e Moore *et al.* (1993, p. 99) analisam como vogais altas assilábicas. O estudo de Moore *et alii* também conta entre os fonemas um glide palatal nasal (transcrito por eles como [ỹ]). A oclusiva glotal, identificado como fonema por Moore *et al.*, é previsível, aparecendo entre vogais idênticas em hiato. Por isso, concordamos novamente com a interpretação de Cruz de que a pausa glotal é fone. Moore *et al.* (1993) também inclui a africada alveopalatal desvozeada em seu quadro fonológico, porém, entendemos que esse som é, na verdade, um alofone de /t/, por motivos distribucionais, já que ocorre essencialmente apenas antes de /i/ e /ĩ/ (CRUZ, 2011, p. 38). Os casos de [ti] obrigatório mencionados por Moore *et al.* (1993, p. 98), p. ex., [ra 'ti.wa] “tio”, são extremamente incomuns.

O sistema vocálico descrito por Cruz (2011), Taylor (1985, 2007), Moore *et al.* (1993), Borges (1991) emprega 5 traços ([coronal], [dorsal], [±alto], [±baixo], [±nasal]) para classificar 8 fonemas.

Coronal	Dorsal		
i ĩ		u ũ	[+alto, -baixo]
e ě			[-alto, -baixo]
	a ã		[-alto, +baixo]

Tabela 5. Fonemas vocálicos do Nheengatu (CRUZ, 2011, p. 35)

As alofonias vocálicas são simples, sendo que envolvem apenas o fonema /e/, que se manifesta [ɛ] em sílabas tônicas e [e] nos demais contextos. A língua exibe 12 ditongos crescentes – [ja], [je] ~ [jɛ], [ju], [wa], [we] ~ [wɛ], [wi] – e seus 6 correspondentes nasais, e 4 ditongos decrescentes ([aj], [ej], [ɛw] ~ [ɛw], [uj]), sendo que [aj], [ej], [uj] são frequentemente o resultado de um processo de elisão de [ɾ] intervocálica postônica, p. ex., /pu 'taɾi/ “querer” à [pu 'tai], /pu 'dɛɾi/ “poder” à [pu 'deɪ], /'uɾi/ “vem” à ['uj] (CRUZ, 2011, p. 78-79).

Existem uma série de reduções silábicas que ocorrem em determinadas configurações, em geral, em contextos nasais, na forma da regra V.N_xV.C_xV à V^N.CV:

- (5.1.i) /u- mu- 'pa.wa/ → [ũ'mba.wa] “Ele/a acaba [algo].”
3SG- CAUS-terminar
- (5.1.ii) /u- mu- 'pa.ka/ → [ũ'mba.ka] “Ele/a acorda alguém/algo.”
3SG- CAUS-acordar
- (5.1.iii) /u- mu- 'pu.ri/ → [ũ'mbu.ri] “Ele/a faz (algo/alguém) pular.”
3SG- CAUS-pular
- (5.1.iv) /u- mu- pi'ni.ma/ → [ũ.pi'ni.ma] “Ele/a faz (alguém/algo) ser pintado.”
3SG- CAUS-pintar → “Ele/a escreve.”

- (5.1.v) /u- mu-pu'ka/ → [ũ.pu'ka] “Ele/a faz (alguém) rir.”
3SG- CAUS-rir
- (5.1.vi) /u- mu-pe'na/ → [ũ.pe'na] “Ele/a faz (algo) quebrar/quebra (algo).”
3SG- CAUS- quebrar

Exemplos de Cruz (2011, p. 48-49)

Como muitas línguas TG, o padrão rítmico do Nheengatu é iâmbico, de um pé métrico de duas sílabas, partindo da margem direita, dado a proeminência da sílaba final, e estendendo-se para a esquerda. Consequentemente, a palavra fonológica básica do nheengatu pode ser expressada como um pé métrico de duas sílabas, uma átona e a outra tônica, com a composição (consoante)-vogal-consoante-vogal:

- (5.1.vii) <ui> /u' i:/ μ μ → σ σ → • x → (C)V(C)V [u' ?i] “farinha”
- (5.1.viii) <iwa> /i' ua/ [i' wa] “fruta”
- (5.1.ix) <iu> /i' u/ [i' ?u] “tempestade”

Tal padrão se manifesta também pela extensão por reduplicação fonética de raízes monossilábicas:

- (5.1.x) /' ē/ “sim” → [ē' ?ē],
- (5.1.xi) /' sã/ “sentir” → [sã' ?ã].

O mesmo padrão se manifesta nas reduplicações morfológicas que expressam repetição em verbos ativos e intensidade em verbos estativos, p. ex.,

- (5.1.xii) *yuká* “matar” → *tav-yuká-yuká* “Mataram repetidamente”,
3PL-REDUP-matar
- (5.1.xiii) *seréu* “lamber” → *yawara u-yu-sere-seréu*
cachorro 3SG-REFL-REDUP-lamber
“O cachorro se lambe repetidas vezes”.

Observe-se a queda do glide labiovelar na coda da sílaba tônica de *seréu* “lamber”, para seguir o padrão métrico do pé iâmbico.

Em conclusão, fica claro que a complexidade fonético-fonológica do Nheengatu é consideravelmente menor do que a da língua Dâw, o que certamente facilitava o domínio do sistema fonológico pelos Dâw na hora de adquirirem competência naquela segunda língua. No entanto, como será desenvolvido em mais detalhes na seção 7 dos resultados, já foi possível identificarmos alguns traços fonéticos e fonológicos que podem ser classificados

como interferências da L1 no Nheengatu Dâw, como é de se esperar em toda situação de aquisição de segunda língua.

5.2. ESBOÇO MORFOSSINTÁTICO DO NHEENGATU

Em termos das classes lexicais, o Nheengatu apresenta uma divisão fundamental entre nomes e verbos. Os nomes podem ser classificados como relativos ou “necessariamente posuídos” (partes do corpo, relações de parentesco) ou autônomos. Os verbos se dividem naturalmente por valência (transitivo e intransitivo), sendo que o segundo conjunto exibe uma subdivisão entre verbos ativos/dinâmicos e verbos inativos/estativos. Também há adposições na forma de posposições (herdados) e preposições (empréstimos do português) e advérbios, os quais também exibem dois conjuntos, um com maior proximidade com a classe nominal e outro que se aproxima dos verbos inativos (CRUZ, 2011, p. 123). Os clíticos aspectuais quase sempre seguem o primeiro item do rema, independentemente do tipo de morfema que ocupa a posição.

Os nomes podem funcionar como predicados, sem cópula, p. ex., (6.2.i) *ixe Baniwa, ãde kariwa* “Eu sou Baniwa, você é branco”. Por outro lado, é preciso nominalizar as raízes verbais antes de elas poderem exercer a função de argumento referencial. Os processos de nominalização ocorrem por sufixações, p. ex.,

(5.2.ii) AGENTE:

muyã “fazer” → *muyã-ga(ra)* “fabricante”, “criador”, “pessoa que faz ...
yẽgari “cantar” → *yẽgari-sa(ra)* “cantor”

(5.2.iii) NOME DE EVENTO:

muyã “fazer” → *muyã-sa(wa)* “o fazer”, “o feito”, “a criação”
yẽgari “cantar” → *yẽgari-sa(wa)* “a canção”, “o canto”
puku “comprido” → *pukusa(wa)* “comprimento” (à duração à “enquanto”)

Os verbos em Nheengatu recebem índices número-pessoais que concordam com o sujeito. Como é típico em língua tupi-guarani, os verbos são distribuídos entre duas classes, na base da atividade do sujeito. Essas classes são identificadas pelos prefixos que expressam os índices:

(5.2.iv) CLASSE ATIVA:	1SG	2SG	3SG	1PL	2PL	3PL
	<i>a-</i>	<i>re-</i>	<i>u-</i>	<i>ya-</i>	<i>pe-</i>	<i>ta(u)-/tu-</i>
(5.2.v) CLASSE INATIVA:	<i>se-</i>	<i>ne-</i>	<i>i-/s-</i>	<i>yane-</i>	<i>pe-</i>	<i>(ã)ta-</i>

A primeira classe contém os verbos transitivos e os verbos intransitivos ativos (inergativos e inacusativos). A segunda classe abrange os verbos estativos ou inativos.

Outra característica típica das línguas tupi-guarani exibida pelo Nheengatu são os nomes, posposições e verbos inativos pluriformes. Isto é um subconjunto de cada classe funcional em que o ataque da primeira sílaba sofre mudanças fonológicas em decorrência da situação sintática em que a palavra se encontra /t- s- V-/ para a forma “absoluta” (argumento não relacional), /r-/ com a forma “relacional” (com pronomes da 1ª e 2ª p. e 3ª p. pl. e 3ª sg. nominal), /s-/ ou /t-/ quando a relação for com a 3ª p. sg., p. ex.,

(5.2.vi) Nome pluriforme do padrão (t-, r-, s-):

t-etama – se/ne/yãde/pe/(ã)ta/apiga r-etama – setama
 “país”, “terra” – minha/tua/nossa/vossa terra; – terra dele/a.
 “território” – terra dele/as; terra do homem

(5.2.vii) Nome com vogal inicial (-, r-, s-):

_uka – se/ne/yãde/pe/(ã)ta/apiga r-uka – s-uka
 “casa” – minha/tua/nossa/vossa casa; – casa dele/a.
 – casa dele/as; casa do homem.

(5.2.viii) Nome com padrão pluriforme (s-, r-, s-):

s-upiá – se/ne/yãde/pe/(ã)ta/apiga r-upia – s-upia
 “ovo” – meu/teu/nosso/vosso ovo; deles, do homem. – ovo dele/a.

(5.2.ix) Verbo inativo pluriforme (-/s-, r-, s-):

(s)uri – se/ne/yãde/pe/(ã)ta/apiga r-uri – s-uri
 “alegre” – estou/estás/estamos/estais/estão alegre(s). – (ele/a) está alegre.
 – o homem está alegre.

(5.2.x) Posposição pluriforme (-, r-, s-):

_akakuera – se/ne/yãde/pe/(ã)ta/apiga r-akakuera. – s-akakuera.
 “atrás de” – atrás de mim/ti/nós/vocês/deles/do homem. – atrás dele/a.
 “na trilha de”

Os pronomes pessoais do Nheengatu se alinharam com o sistema português ao longo do tempo, no sentido de ter perdido a distinção entre a primeira pessoa inclusiva (*iandé* em Tupi Antigo, *ñande/ñane* em Guarani) e a primeira pessoa exclusiva (*oré/ore*). Tal redução também ocorreu em algumas outras línguas tupi-guarani, como o Urubu-Ka’apor (LOPES, 2009, p. 106) e também no Kokama-Kokamilla (VALLEJOS YOPÁN, 2010) e no Omagua (O’HAGAN; MICHAEL; VALLEJOS, 2013; O’HAGAN; WAUTERS, 2012; WAUTERS; O’HAGAN, 2011), ambos os quais tiveram contato prolongado com outras línguas em momentos da sua

história. Com a Língua Geral Amazônica, no caso do Urubu-Ka'apor, e com provável substrato Arawak no contexto Kokama/Omagua.

O Nheengatu exibe uma tipologia sintática pro-drop para sujeitos pronominais. Diferente da maioria das línguas Tupi-Guarani, que exibem hierarquia de pessoa e marcam o objeto direto por meio dos pronomes da série inativa, em Nheengatu, são os mesmos pronomes que indicam sujeitos e complementos diretos. A mudança parece ser uma provável influência do sistema pronominal do português brasileiro popular, se não chega a ser uma evidência de nivelamento paradigmática do tipo observado com frequência em línguas crioulas.

A maioria das posposições pedem como complemento pronominal as formas da classe inativa, p. ex., (6.2.xi) *Resuã *se*sui* “foste de mim”, mas uma pequena minoria (*arã(ma)* “para” e a preposição emprestada *te*), pedem as formas retas, p. ex., (6.2.xii) *Remẽ yaã pĩda *ix*arã!* “Dá aquele anzol para mim! / Dá-me aquele anzol!”, (6.2.xiii) *Waimĩ uwata te *ae** “A anciã andou até ele”.

6. RESULTADOS

Até agora detectamos diversos elementos fonético-fonológicos (“sotaque Dâw”) (6.1, 6.2), alguns dos quais interagem com a morfossintaxe (6.3).

Quase todos os fones vocálicos e consonantais do Nheengatu existem no inventário fonético do Dâw, portanto, os Dâw exibem pouca dificuldade articulatória na hora de enunciarem o Nheengatu, embora seja perceptível certa diferença da pronúncia Baré, possivelmente caracterizada pela transferência dos padrões de glotalização, que ainda restam investigar no Nheengatu Dâw.

Outro fator que favorece a competência Dâw na hora de falar em Nheengatu é a diversidade de padrões silábicos em Nheengatu ser menor do que a no Dâw, sendo que o Nheengatu nunca exibe sílabas travadas por obstruintes, apenas por glides, que ocorrem apenas em final de palavra. Também não há nenhuma evidência, por enquanto, de alguma transferência dos padrões de harmonia vocálica notados em Dâw por Martins (2004, p. 102-104) para a pronúncia do Nheengatu.

	Ataque	Núcleo	Coda
Silabas com núcleo oral	<p>c' k' ʔ</p> <p>h x</p> <p>ʔm ʔn ʔŋ ŋ</p> <p>l ʔ</p> <p>ʔw ʔj</p>	<p>i: j: u w: y: u: y:</p> <p>e: e: r r: r: o: o:</p> <p>ɛ: ɛ: a: a: ɔ: ɔ:</p>	<p>ɸ t̃ c̃ k̃ ʔ</p> <p>b̃ d̃ ʔ ɸ</p> <p>f x h</p> <p>^bm ^bm̃ ^dn ^dñ ʔŋ ʔŋ̃ ^ɸŋ</p> <p>l ʔ</p> <p>ʔw̃ ʔj̃</p>
Silabas com núcleo nasal	<p>c' k' ʔ</p> <p>h x</p> <p>ʔm ʔn ʔŋ ŋ</p> <p>l ʔ</p> <p>ʔw ʔj</p>	<p>i: j: ú u: ũ: ũ: ã: õ:</p> <p>ɛ: ɛ: ã: ã: õ: õ:</p>	<p>ɸ t̃ c̃ k̃ ʔ</p> <p>b̃ d̃ ʔ ɸ</p> <p>f x h</p> <p>m m̃ n ñ ʔŋ ʔŋ̃</p> <p>l ʔ</p> <p>ʔw̃ ʔj̃</p>

Tabela 6. Padrões silábicos do Dâw, baseado em (baseada em MARTINS, 2005, p. 68), com os fones do Nheengatu destacados em vermelho.

6.1. SUBSTITUIÇÕES E ADAPTAÇÕES FONÉTICAS: CONSONANTISMO

6.1.1. FRICATIVAS

O Nheengatu Dâw não distingue sistematicamente entre Nhg. /s/ e /ʃ/, já que Dâw conhece apenas /ʃ/: [ʃ] (MARTINS, 2005, p. 16), p. ex., (6.1.1.i) [se] “1SG_E” → [ʃe] ~ [se].

6.1.2. LÍQUIDAS

Ocorre a substituição esporádica de /r/: [r] por [l], dado a ausência de [r] em Dâw. A mesma troca é mencionado por Martins (2014, p. 12) para o português dos Dâw, embora em Nheengatu, a substituição ocorra apenas infrequentemente, possivelmente porque o grau de fluência é maior.

6.1.3. OCLUSIVAS/AFRICADAS

Em Dâw, /k/ e /c/ são ejetivas ([k'] e [c'], respectivamente), enquanto em Nheengatu, a articulação ocorre sem glotalização e o fone mais próximo a /c/: [c'] é a africada [tʃ], variante posicional condicionada de /t/ antes de [i]. No entanto, não observamos substituições de [x] ou [k'] para Nhg. /k/: [k], como é reportado por Martins (2014, p. 10-11) em palavras portuguesas como:

- | | | |
|--------------------------|------------|-------------------------------------|
| (6.1.3.i) <i>caixa</i> | ['kaj.ʃe] | <input type="checkbox"/> ['xã: ʃ] |
| (6.1.3.ii) <i>cama</i> | ['kẽme] | <input type="checkbox"/> ['xã: m] |
| (6.1.3.iii) <i>campo</i> | ['kẽ.pɯ] | <input type="checkbox"/> ['xãm] |
| (6.1.3.iv) <i>café</i> | [ka 'fe] | <input type="checkbox"/> [xa 'pê:] |

6.2. SUBSTITUIÇÕES E ADAPTAÇÕES FONÉTICAS: VOCALISMO

Com a exceção de [ẽ(:)] e [õ(:)], todos os fones vocálicos do Nheengatu ocorrem na língua Dâw. Não obstante, não existe contraste fonêmico entre as vogais médias do Nheengatu pelo traço de altura.

6.2.1. VOGAL ALTA E MÉDIA-ALTA

Existe uma tendência de proferir [o], em certos casos, quando o Nheengatu geralmente exhibe [u], p. ex.,

(6.2.1.i) /i ' ku/ “estar” → [i. ' ko],

(6.2.2.ii) /ku ' i.ri/ “agora” → [ko ' i.ri].

Essa troca também ocorre no Nheengatu de falantes nativos, porém, nossa impressão é de que seja mais frequente entre os Dâw.

6.2.2. SÍNCOPE DE [w]

Em geral, a síncope variável de [w] entre vogais idênticas ocorre, como no Nheengatu, p. ex.,

(6.1.4.i) /ku.pi ' ʃa.ua/ “roça” [ku.pi ' ʃa.wa] → [ku.pi ' ʃa]¹.

6.2.3. AFÉRESE

O que detectamos em termos de influências da fonologia Dâw sobre o Nheengatu são processos de aférese e apócope de vogais átonas que alinham a estrutura silábica tipicamente (C)V(G, N) e (C)VG# do Nheengatu (CRUZ, 2011, p. 62; TAYLOR, 1985, p. 6) com o padrão CVC que tipifica a sílaba Dâw (MARTINS, 2004, p. 63, 72, 106, 372; MARTINS, 1994), p. ex.,

(6.2.3.i) /a.ka ' ju/ “ano” → [ka ' ju].

¹ Em menor escala, ocorre também a síncope de /r/ intervocálica, p. ex., /ku ' i.ri/ “agora” → [ku ' i], que é típica do Nheengatu rionegrino.

Esta tendência de elisão de sílabas átonas e ressilabificação ocorre com frequência (MARTINS, 2004, p. 6-8), especialmente no contexto dos segmentos glotais /h/ e /ʔ/, é um processo de sândhi frequente da fonologia Dâw (MARTINS, 2004, p. 111-113).

6.3. MORFOSSINTAXE

6.3.1. OMISSÃO DE PREFIXOS NÚMERO-PESSOAIS

A aférese vocálica (6.2.3) interage com uma tendência a omitir os prefixos número-pessoais quando são acompanhados por um pronome ou nome referencial. Outra pressão linguística que contribui para essa tendência é o fato de o Dâw desconhecer prefixos, p. ex.,

(6.3.1.i) NHG ... poké yané patrão **upesigái uikú** (kõ) yandé. →

NHGD ... poké yandé patrão **_pesigái _iku** kõ yandé.

“... porque nosso patrão estava perseguindo conosco.”

(6.3.1.ii) NHG ape te **usika** primeiro kuá pastor. →

NHGD ape te **_sika** primeiro kuá pastor.

“Aí mesmo, chegou esse primeiro pastor.”

(6.3.1.iv) NHG Mamé taá peputái **ixé apiripana** terreno penherã? →

NHGD Mamé taá peputái ke **se _piripana** terreno penherã?

“Onde [vocês] querem que eu compre [o] terreno para vocês?”

Esse comportamento reflete a estrutura dos verbos em Dâw, que não flexionam.

6.3.2. INDISTINÇÃO ATIVO/INATIVO EM 1SG

A substituição [s] → [ʃ] (ver 6.1.1.i) potencialmente interage com a falta de distinção formal entre as classes de verbos ativos e inativos em Nheengatu na primeira pessoa do singular. O prefixo número-pessoal da classe inativa é *se* e o pronome pessoal da primeira pessoa do singular é *ixé*. No sotaque Dâw, as duas formas podem ficar idênticas, como [ʃe] ~ [ʃɛ]. A tendência é reforçada pela omissão frequente das flexões prefixais da classe verbal ativa, com o sujeito expresso apenas pelo pronome reto, como em Dâw, p. ex.,

(6.3.2.i) *ixé _su* □ (*ixé*) *asu* “(eu) vou”.

6.3.3. PRONOME INCLUSIVO/EXCLUSIVO

É comum os informantes não distinguirem os pronomes *yandé* (1PL.ACT) e *yané* (1PL.INACT), especialmente em expressões possessivas, p. ex.,

(6.3.3.i) NHG **Yané** barracão bem mími, ... →

NHGD **Yandé** barracão bem mími,

“Nosso barracão era bem ali, ...”,

(6.3.3.ii) NHG **Yané** patrão ... urasu yanderã →

NHGD **Yandé** patrão ... urasu yanderã.

“Nosso patrão nos levava ...”.

Diferente das línguas Tupi-Guarani, Dâw não mantém uma distinção categórica entre predicados ativos e inativos na morfologia verbal (Ver também ex. 6.3.1.i).

6.3.4. MARCAÇÃO DIFERENCIAL DE OBJETO

Nota-se no exemplo 6.3.3.ii acima o uso da posposição *arãma/(a)rã* que corresponde a um marcador diferencial do objeto, o sufixo Dâw <-ũuy’> “AFCT” (MARTINS, 2004, p. 321), p. ex.,

(6.3.4.i) NHG ... urasu **yandé** __ →

NHGD ... urasu yande-**rã**

“(ele) nos levava”.

Esse traço marca o português regional de todas as etnias da região, p. ex., “Não tem comida para mim” = Não tenho comida, “Eles bateram para mim” = Eles me bateram. / Eles bateram em mim; “Ele ajudou para mim” = Ele me ajudou. No entanto, esse uso de *arã(ma)* não é obrigatório no Nheengatu e historicamente as línguas Tupi-Guarani não exibem marcação diferencial do objeto.

7. CONCLUSÕES

Neste começo de investigação, é possível apontar algumas conclusões preliminares acerca do Nheengatu dos anciões Dâw. Evidentemente, antecipamos ampliar e aprofundar a caracterização desta variedade no decorrer das pesquisas.

Em primeiro lugar, consideramos que o Nheengatu falado pelos Dâw é um subtipo do Nheengatu rionegrino e não constitui um dialeto independente. Os motivos para esta determinação são a estreita proximidade fonético-fonológica, os paralelismos morfossintáticos e o contexto histórico do uso do Nheengatu como segunda língua entre os Dâw para se comunicarem com outros povos indígenas da região e até com membros da sociedade nacional no ambiente do extrativismo.

Dito isso, entretanto, é importante enfatizar que é precisamente nessa situação comunicacional de língua geral que o Nheengatu Dâw interessa. A relevância decorre do fato que, atualmente, o Nheengatu não ocupa mais seu lugar histórico na sociedade amazônica de língua franca. Hoje, o Nheengatu é uma língua que sustenta a identidade étnica Baré, no Rio Negro, e a identidade “tapuio” nas comunidades do Médio Amazonas, como os Mura, Borari, Arapiuns, Maraguá, entre outros. Ou seja, o Nheengatu é novamente uma língua “indígena” (Barros *et al.*, 1996), em lugar de ser a “língua geral” desenraizada e pan-amazônica do passado. O fato de os anciões Dâw preservarem ainda, embora residualmente, a funcionalidade ancestral do Nheengatu profere uma oportunidade para entendermos alguns aspectos da maneira como o bi- e multilinguismo contribuíam para modificar a segunda língua no contexto amazônico.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, A. 'Baré', *Languages of the World/Materials*. Munique/Newcastle: LINCOM EUROPA, 1995.
- AIKHENVALD, A. 'Areal diffusion and language contact in the Içana-Vaupés basin, North West Amazonia'. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. (org.). *The Amazonian Languages*, Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 385-413.
- AIKHENVALD, A. *Language Contact in Amazonia*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2002.
- ASSIS, L. *Do caxiri à cachaça: mudanças nos hábitos de beber do povo Daw no Alto Rio Negro*. Universidade Federal do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, 2001.
- ASSIS, L. *Quando o fim é o começo: identidade e estigma na história do povo Dâw no Alto Rio Negro*. (Mestrado em antropologia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2006.
- ATHIAS, R. *Hupdah-Maku/Tukano: les relations inégales entre deux sociétés du Uaupés Amazonien (Brésil)*. 1995. Tese (Doutorado em antropologia). Paris: Université de Paris X, 1995.
- BARROS, C.; BORGES, L. C.; MEIRA, M. 'A língua geral como identidade construída'. *Revista de Antropologia* 39.1, 1996. p. 191-219.
- CRUZ, A. *Fonologia e gramática do Nheengatu*. Amsterdam: LOT, 2011.
- EPPS, P. *A Grammar of Hup*. Amsterdam/New York: Mouton de Gruyter, 2007.
- EPPS, P. 'The Vaupés melting pot: Tukanoan influence on Hup', In: AIKHENVALD, A.; DIXON, R. M. W. (orgs.). *Grammars in Contact: A Cross-linguistic Typology*, Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 267-287.

- EPPS, P.; BOLAÑOS, K. 'Reconsidering the "makú" language family of the Northwest Amazon', *International Journal of American Linguistics*, 83.3, 2007. p. 467-507.
- FERREIRA, R.; AMADO, R. DE SÁ; CRISTINO, B. PROTTI (orgs.), *Português indígena: novas reflexões*. Munique: LINCOM Academic Publishers, 2014.
- FONTANELLI, J. V. *Figuras da mata, ocupantes da cidade e do Rio: imaginário etnográfico e etnografia das transformações Dâw - Rio Negro (AM)*. 2015. (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- LOPES, M. A. Garcia. *Aspectos gramaticais da língua Ka'apor*. Orientador: Fábio Bonfim Duarte. 2009. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- LOUKOTKA, C. *Classification of South American Indian Languages*. Los Angeles: University of California, 1968.
- MARQUES, B.; OBERT, K. *Dâw Tɨɨw/Caminhos Dâw*. Comunidade Dâw de Waruá. Livro de histórias do projeto Caminhos Dâw. Projeto Caminhos dos Hupd'äh, Yuhupdeh, Dâw e Nadëb: aete verbal e imagem, tecendo Floresta e mundos. Patrocínio do Museu do Índio, RJ/UNESCO, 2018.
- MARTINS, S. *Análise da morfossintaxe da língua Dâw (Maku-Kamã) e sua classificação tipológica*. 1994. Tese (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.
- MARTINS, S. *Fonologia e Gramática Dâw*. 2 vols. Utrecht, Amsterdam: Editora LOT, 2004.
- MARTINS, V. 'A inserção do português no discurso dos Dâw: um estudo sobre as influências linguísticas das relações de contato entre português e Dâw'. In: FERREIRA; AMADO; CRISTINO (orgs.), 2014. p. 6-13.
- MARTINS, V. *Reconstrução fonológica do protomaku oriental*. Utrecht, Holanda: LOT, 2005.
- MARTINS, S.; MARTINS, V. 'Makú'. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. (org.). *The Amazonian Languages*, Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 251-266.
- MICHAEL, L.; O'HAGAN, Z. *A Linguistic Analysis of Old Omagua Ecclesiastical Texts*. Serie Monografias 4, Cadernos de Etnolingüística, 2016.
- OBERT, K.; MARQUES, M.; SOUSA, P.; CASTRO, M. A.; CASTRO, N. 'Dâw - Waa dâr tuuw - O caminho dos antepassados', *Revista Linguística* 15.1, 2017. p. 175-211.
- O'HAGAN, Z. J.; MICHAEL, L.; VALLEJOS, R. 'Hacia la reconstrucción del proto-omagua-kokama', apresentação a Conference on the Indigenous Languages of Latin America (CILLA 6), 25 de outubro de 2013, University of Texas, Austin, 2013.
- O'HAGAN, Z. J.; WAUTERS, V. M. 'Sound Change in the Development of Omagua and Kokama-Kokamilla: Synchronic and Diachronic Evidence'. (2012). Apresentação a Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas (SSILA) em 8 de janeiro de 2012.
- RAMOS, D.; OBERT, K. 'Uma tradução do artigo "Die Makú" de Theodor Koch-Grünberg (1906)', *Revista de Antropologia (USP)* 60.2, 2017. p. 588-633. DOI <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.137323>.
- RIVET, P.; TASTEVIN, C. 'Afinnités du Maku et du Puinave', *Journal de la Société des Américanistes* 12, 1920. p. 69-82.
- STORTO, L.; EPPS, P.; CALDEIRA, C. de Assis; OBERT, K.; ANANTHANARAYAN, S. *Histórias de vida do povo Dâw*. Comunidade Waruá, 2017.
- TAYLOR, G. 'Apontamentos sobre o Nheengatu falado no rio Negro, Brasil', *Amérindia: revue d'ethnolinguistique amérindienne* 10, 1985. p. 5-23.
- VALLEJOS YOPÁN, R. *A Grammar of Kokama-Kokamilla*. Doctoral dissertation, University of Oregon, 2010.
- WAUTERS, V. M.; O'HAGAN, Z. J. 'La herencia de un idioma de contacto: retenciones gramaticales del tupi-guaraní al proto-omagua-kokama'. (2011). Apresentação a Conference on the Indigenous Languages of Latin America (CILLA 5) em 7 de outubro de 2011, University of Texas, Austin.